



EDUCAÇÃO PÚBLICA E PESQUISA: ATAQUES, LUTAS E RESISTÊNCIAS

Universidade Federal Fluminense
20 a 24 de Outubro de 2019
Niterói - RJ

ISSN 2447-2808

5108 - Pôster - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)
GT06 - Educação Popular

Prática Social de Ativismo pela Causa Animal: caminhos para a construção do princípio de (com) vivência do Bem Viver Interspécies
Luciana Cristina Godoy Zotelli - UFSCar- PPGEd Ed. Especial -Universidade Federal de São Carlos

Prática Social de Ativismo pela Causa Animal: caminhos para a construção do princípio de (com) vivência do *Bem Viver Interspécies*

RESUMO: Trata-se de um ensaio teórico decorrente de uma pesquisa de abordagem fenomenológica, em andamento, a qual visa identificar como os sujeitos envolvidos na Prática Social de Ativismo pela Causa Animal constroem suas compreensões e significados em torno do outro não humano e os processos educativos presentes neste tipo de ativismo que fazem circular tais compreensões e significados: como e com quem interagem, produzem, reproduzem. Neste momento, o objetivo recai sobre a reflexão em torno do referencial teórico que acreditamos possibilitar uma proposição do princípio ético e de vida do *Bem Viver Interspécies*, partindo da investigação da prática social em questão.

Palavras-chave: *Bem Viver Interspécies*; Práticas sociais e Processos educativos; Ativismo.

A Prática Social de Ativismo pela Causa Animal

A causa animal [1] no Brasil é um tipo de ativismo complexo, cujas temáticas relacionadas às reflexões epistemológicas acerca da temática, têm atraído atenção de pesquisadores/as de distintas áreas do conhecimento (BRÜGGER, 1999; FELIPE, 2003; NACONECY, 2014). Ocorre que, como aponta o filósofo e ativista brasileiro Naconecy (2014), os movimentos organizam-se em um longo fluxo envolvendo um largo espectro de pessoas e grupos, que elegem, a partir de réguas graduadas das mais diversas escalas, algumas espécies para serem alvos de suas atuações. De acordo com o pesquisador brasileiro, há uma polarização conceitual que ocorre, especialmente, entre as correntes denominadas abolicionismo animal e bem-estar animal e que permeia o campo do ativismo.

Nesta linha, considera-se, a priori, que há fundamentalmente três perspectivas que levam ao entendimento da relação humana com os animais não humanos: a especista, a bem-estarista e a abolicionista (NACONECY, 2014). Considerando que os processos de exploração animal ocorrem apartados do cotidiano de grande parte das pessoas, e as informações sobre a coisificação que os Seres-Animais são submetidos mantêm-se veladas pelas organizações-socioeconômicas, este fato reforça a cultura da *não-existência* (perspectiva especista) em torno de práticas sociais diversas.

Lembremos, ademais, que Freire (2011a, p. 100) afirma que “a educação problematizadora se faz, assim, um esforço permanente através do qual os seres humanos percebendo, criticamente, como estão sendo no mundo com que e em que se acham.” Ao que se sobrepõe este estudo, entende-se que se faz necessário, pensar como estamos sendo-ao-mundo a partir do eixo de poder da relação Seres-Animais/ Seres-Humanos. Refletir sobre novos modelos descoloniais da forma básica de classificação social, inclusive da espécie, neste eixo onde a colonialidade também persiste na medida em que para o Seres-Humano *Ser* o Ser-Animal precisa *Não-Ser*, dada sua condição de recurso dentro da lógica do capitalismo colonial global.

Ocorre que na América Latina em geral, bem como no Brasil, a problemática ainda é muito recente. De acordo com Castellano e Sorrentino (2015) as discussões começam a ganhar espaço a partir do século XXI, com a tradução de algumas obras de referência, circulação do tema via internet, publicações de trabalhos acadêmicos e, sobretudo, o crescimento do ativismo relacionado à causa animal, que em muito tem contribuído para ampliação do tema.

Compreendemos que há uma circulação de valores e saberes que emergem na Prática Social de Ativismo pela Causa Animal e desencadeiam em processos educativos entre ativistas-ativistas e ativistas- não ativistas em experiências e vivências uns com os outros. E graças à ação e à pressão advindas de tais redes relacionais, muitos avanços legais já foram conquistados em prol da causa animal. Nesta lógica, defendemos que esta causa denota uma visão de mundo imbricada a interesses de Seres-Humanos e Seres-Animais sencientes, a qual se propõe a *emergência da alteridade* (ARAÚJO-OLIVEIRA, 2014) para além de uma *totalidade* capitalista e antropocêntrica.

Embora saibamos que o referencial seja originalmente humanista, entendemos que o constructo teórico básico de Dussel (1977) pode ser empregado para acomodar a tese do Ser-Animal como Outrem, em sua total exterioridade, como excluído - o *Não-ser* na *ancestralidade animal* que une humano e não humano. Assim como Araújo-Oliveira (2014), entendemos que a *totalidade* possui uma lógica interna própria para legitimar sua oposição ao diferente, legitimar sua oposição ao distinto e excluir o não idêntico.

Portanto, com base na filosofia da libertação latino-americana, a pesquisadora lembra-nos que o outro é sempre comunidade de vítimas (mulheres, negros, indígenas) que tomaram “consciência de” e que lutam contra as injustiças às quais são acometidas. Pensando na proposição deste estudo, na ideia marxista de exploração, comunidades de vítimas são exploradas quando sua força de trabalho e seus corpos são utilizados para gerar lucro (ou privilégios) para uma totalidade. Seres-Animais, neste sentido, são explorados, pois não consentem com sua exploração.

Logo, seguindo esta lógica, o papel do ativismo pela causa animal, seria questionar fundamentos tidos como únicos e verdadeiros e legitimados pelo sistema de exploração, ao qual são submetidos os Seres-Animais.

Por um Bem Viver Interspécies

Entendendo que a conscientização é existência histórica, procuramos, enquanto educadoras e pesquisadoras no campo da Educação, adotar a utopia do Bem Viver (ACOSTA, 2016) que parte da visão de mundo dos povos originários da *Abya Ayala*, portanto uma epistemologia do sul por excelência, como anúncio da proposta de resgate ao conceito de *sumak kawsay* e, por conseguinte, possibilidade de pensar outras formas de organizações sociais, políticas e econômicas, já que seu principal mote está presente em um contexto de pré-coloniedade, em valores, experiências e práticas de comunidades indígenas amazônicas e andinas.

Trata-se de um saber que contribui, a este estudo, com seu elemento chave que é pensar que as discussões sobre injustiças sociais não se encerram no Ser-Humano, mas precisam ser pensadas - na perspectiva interseccional de lutas/ativismos/militâncias - a partir do Ser-Humano sendo-ao-mundo em comunidade e harmonia com a Natureza.

Santos (2010) discorre sobre o pensamento ocidental cartesiano que elegeu monoculturas, produzindo *não-existências* e constituindo-se enquanto pensamento abissal. Para este autor existem monoculturas ou modos de produção de *não-existências*, das quais chamamos a atenção neste estudo, da monocultura da naturalização das diferenças, pois possui lógica de classificação social, racial, sexual que visa naturalizar hierarquias. Nesta lógica, “quem é inferior, porque é insuperavelmente inferior, não pode ser uma alternativa credível a quem é superior” (p.103). Nessa monocultura, entendemos, é produzida a *não-existência* da maior parcela de Seres-Humanos (indígenas, negros/as, pessoas empobrecidas) e a totalidade de Seres-Animais.

Nós, Seres-Humanos inventamos símbolos, produzimos cultura - inclusive de *não-existências* - e temos redes de comunicação extraordinariamente mais elaboradas do que qualquer Ser-Animal, visto todo o aparato tecnológico acumulado. Embora sejamos Seres únicos de cultura, não somos únicos em nossas emoções; exemplo disso seriam nossas expressões faciais e anatomia, que Darwin categorizou como marca indelével de nossa *ancestralidade animal* (WILSON, 2013).

Nossa espécie cresceu e se “desenvolveu” exponencialmente em um considerável contraste com os demais Seres-Vivos, os quais não estão preparados para o *ataque cultural humano* e, na contemporaneidade, as comunidades de vítimas (Seres-Animais na exterioridade) sofrem as trágicas consequências da exploração de seus corpos e, conseqüentemente, de seus ecossistemas. A humanidade, por conseguinte, é um império cultural magnífico, todavia frágil em seu diálogo *interespecies*.

Presumimos que esse diálogo *interespecies* parte da postura ética pelo respeito e entendimento da alteridade do Ser-Animal ao “reconhecê-lo, face a face, como um ser grandioso e capaz, mas, ao mesmo tempo, vulnerável e sensível, que depende de nossa solidariedade” (NACONECY, 2014, p. 193).

Neste ponto, ponderamos que a Ética da Alteridade (LÉVINAS, 2005) pode se estender ao Ser-Animal, no sentido que reconhecê-lo não como coisa, como ser “corpo sem alma”, mas sim como distinto sujeito, como outrem, portanto passível da relação de respeito, de solidariedade, de se *encharcar* deste outro em relação a mim: sendo-ao-mundo como “Seres-Parte-da-Natureza”.

Tais situações nos levam a propor, neste ensaio, o que estamos denominando de *Bem Viver Interespecies*. Neste sentido, optamos pautados no referencial em diálogo a possibilidade da construção de um caminho, diante de uma área de estudo em emergência e que variadas expressões, palavras-chave, descritores são utilizados pela própria novidade e disputas no campo, tanto do ativismo como da academia. Reconhecemos, por certo, a existência de outros diversos descritores, entendo que nossa própria proposição é também uma proposição para reflexão no movimento ativista e na área acadêmica.

Um imaginável anúncio:

Assim, com base no referencial teórico apresentado anunciamos neste ensaio, como nos ensina Freire (2011b), com a necessária humildade e sujeitos a críticas de ativistas e acadêmicos/as, para edificação de inter-relações “Seres-Humanos - Seres-Animais”, o *Bem Viver Interespecies* como:

Além da mera aceitação ou tolerância de uma espécie por outra, que se coloca como dominante, mas que envolva o reconhecimento recíproco e a disponibilidade para enriquecimento mútuo entre as várias espécies de Seres integrados e interdependentes que com respectivas diversidades precisam uns dos outros para existência, co-existência e bem viver na Terra.

Pelo exposto, e pelo contexto de destruição e extinção de espécies vegetais e animais que temos assistido no planeta, cada vez mais indicando a finitude deste e da vida, compreendemos que se faz necessária a defesa do *Bem Viver Interespecies* “Ser-Humano - Ser-Animal”, entendidos como extensões uns dos outros na teia da vida, para que prossiga a possibilidade de futuro dos Seres-Vivos (incluindo Seres-Humanos) na Terra.

Referências

ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: autonomia literária, Elefante, 2016.

ARAÚJO-OLIVEIRA, Sônia Stella. Exterioridade: o outro como critério. In: OLIVEIRA, Maria W.; SOUSA, Fabiana R. (org). **Processos educativos em práticas sociais**: pesquisas em educação. São Carlos: Editora Edufscar, 2014.

BRÜGGER, Paula. **Educação ou adestramento ambiental?** 2ª edição. Santa Catarina: Letras Contemporâneas, 1999.

CASTELLANO, Maria; SORRENTINO, Marcos. A inserção de estudos Críticos Animais em Instituições de Educação superior. **Atos de Pesquisa em Educação** - ISSN 1809-0354. Blumenau, v. 10, n.2, p.654-680, mai./ago. 2015 Disponível em: <http://dx.doi.org/10.7867/1809-0354.2015v10n2p654-680>. Acesso em: mar/2019.

DUSSEL, Enrique. **Filosofia da libertação na América Latina**. São Paulo: Loyola; Piracicaba: Unimep, 1977

FELIPE, Sônia T. **Por uma questão de princípios**: alcances e limites da ética de Peter Singer em defesa dos animais. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2011a.

_____, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 17ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011b.

LÉVINAS, Emmanuel. **Entre nós**: ensaios sobre a alteridade. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

NACONECY, Carlos. **Ética e animais**: um guia de argumentação filosófica. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

SANTOS, Boaventura S. **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

WILSON, E. O. **A conquista social da terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

[1] Utilizarei a expressão Causa Animal para fazer referência à literatura advinda do campo de estudo do *Animal Liberation*, *Animal Studies* e *Critical Animal Studies*.